

MEIOS DE SOBREVIVÊNCIA ENTRE OS PINTORES DA TRADIÇÃO AGRESTE EM PERNAMBUCO *

ALICE AGUIAR
Universidade Federal de Pernambuco

O estudo dos recursos alimentares dos caçadores-coletores pré-históricos do Agreste pernambucano, merece um estudo mais elaborado. Nesta comunicação nos limitamos a relacionar as fontes básicas de alimentos que tornariam possível a sobrevivência na região, dos pintores rupestres da Tradição Agreste.

Pelos dados coletados em nossas pesquisas no Agreste pernambucano, nada parece indicar terem sido as pinturas rupestres da área realizadas por agricultores pré-históricos. Dessa maneira, seus autores teriam seu sustento na caça, pesca e coleta de plantas selvagens.

É tradicionalmente aceito que o homem pré-histórico pintou nas rochas os animais que formavam parte do seu sustento e que desejava caçar, assim como também é aceito que a representação dessa fauna fazia parte dos seus rituais mágicos para a obtenção da caça. Mesmo que essas afirmativas possam ser contestadas, em alguns casos é indiscutível que a relação da fauna identificada na pintura rupestre é um elemento precioso para a determinação das principais fontes de alimentos do homem primitivo.

Todos os animais representados na pintura da Tradição Agreste correspondem à fauna atual em que, em nenhum caso, tenham-se identificado representações de megafauna ou fauna pleistocênica. Vários animais são facilmente identificáveis como os veados e os quelônios; outros são de identificação mais duvidosa e entram na categoria de quadrúpedes e ornitornitos.

Nas escavações arqueológicas realizadas nos sítios que possuem sedimentos, foram encontrados ossos de várias espécies de roedores e aves de pequeno porte, tais como: mocó, paca, cutia, preá, codorna, jacu e pomba-rola, que deviam fazer parte da dieta alimentar dos ocupantes dos abrigos.

A sistemática devastação da mata que o Agreste sofreu e sofre nos tempos modernos, tem contribuído para sua paulatina desertificação e a consequente desertificação dos rios. Mesmo com o clima seco característico da região, muitos dos rios e riachos, hoje sem água na estação seca, tiveram maior caudal na Pré-história. Todos os rios do Agreste são piscosos e a representação de um homem pescando, no sítio PERI-PERI I, em Venturosa (PE) confirma o recurso da pesca como fonte de alimento.

A representação de plantas é geralmente muito precária na pintura rupestre e quando aparecem, estão mais relacionadas com ritos mágicos, danças, plantas sagradas ou alucinógenas do que com alimentos. A representação de uma palmeira, entretanto, é clara no sítio "Pedra do Caboclo", em São João do Tigre (PB).

Entre as populações indígenas do interior do Nordeste brasileiro, utiliza-se como alimento, nos períodos de seca, diversos tipos de farinha conseguida de espécies nativas, costume esse que certamente reflete um hábito alimentar estabelecido ao longo de um período muito grande de adaptação ao semi-árido.

Outra evidência de recurso alimentar é o grande número de carapaças de caramujos (*Megalobulimus* sp.), encontradas em alguns sítios. Não podem ser esquecidas outras fontes alimentares, que não deixam resíduos, como são os insetos, citamos como exemplo a formiga tanajura (Gênero *Atta*), até hoje consumida no sertão pernambucano misturada à farinha de mandioca.

A utilização do mel na Pré-história não seria novidade, pois em uma pintura rupestre do levante espanhol, encontramos uma figura humana colhendo mel. Nas Américas, antes da colonização, existiam abelhas sociais nativas, atualmente conhecidas como abelhas indígenas sem ferrão, ou com ferrão atrofiado. Isso facilitaria a coleta do mel ao homem pré-histórico, produto de grande valor alimentício.

Entre os diversos tipos de farinha conseguida de espécies nativas, que provavelmente foram utilizadas na pré-história, merece especial atenção da farinha de macambira (*Bromelia laciniosa*), uma vez que estudos mostram ser a mesma superior a farinha de mandioca pelo seu teor protéico.

No concernente às variações internas do quadro geográfico agrestino de Pernambuco, o fator predominante e que tão de perto condiciona os demais elementos do meio natural, continua sendo o climático. Não podemos esquecer as influências que, sobre ele, são exercidas pelo relevo. Essas influências se manifestam pelo modo como, em uma primeira classificação, se dividem os espaços sub-regionais em dois grandes grupos: os sub-úmidos ou de brejos e os semi-áridos.

Os espaços sub-úmidos, que também são chamados de brejos, aparecem em duas manifestações: a representada por uma faixa estreita e de transição com a região canavieira e a expressa em manchas isoladas ou de climas locais.

Os brejos constituídos por manchas isoladas resultam do aumento local das precipitações, ocasionado por influência do relevo. Influências devidas à altitude, à direção dos vales e a exposição.

Essas manchas úmidas variam em suas dimensões. Algumas chegam a dar nome aos municípios, devido aos amplos espaços que ocupam. Por exemplo, Poção, Madre de Deus e muitos outros.

Tendo em vista que a presença de altitudes do relevo, tem como resposta climática um aumento de pluviosidade, torna-se fácil distinguir locais onde ocorrem brejos com maior frequência, que são as faixas que separam os principais vales da região: o do Capibaribe, o do Ipojuca, o do Una, o do Ipanema e também alguns dos seus tributários.

As pesquisas realizadas nos últimos tempos têm demonstrado que as condições climáticas no começo do Holoceno, não eram muito diferentes das atuais no Agreste pernambucano.

Estudos de paleo-clima, apontam para condições climáticas pouco favoráveis à vida dos grupos humanos que habitavam a região. O período de 10.000 a 7.000 A.P. foi marcado por uma elevação de temperatura, acompanhado por um longo período de seca. Esses fatores provocaram escassez de alimentos e diminuição dos recursos de caça que levou as populações a migrar provavelmente para o vale do rio São Francisco.

É provável que durante esse longo período seco, somente alguns brejos de altura ou de encosta, restaram como lugares habitáveis.

Em torno de 2.000 anos A.P., as condições climáticas eram muito semelhantes às atuais e parece provável que grupos humanos tenham se fixado nessa região, principalmente nas áreas de "brejo", uma vez que poderia ser realizada a coleta de frutos silvestres e a caça de animais de médio porte.

Os grupos caçadores-coletores inseridos na Tradição Agreste procuraram, para realizar suas pinturas, as paredes lisas das rochas, de preferência nos lugares de "brejos", perto da água, sem interesse especial em procurar lugares abrigados que servissem de habitação, porém alguns dos locais poderiam ter servido de acampamento temporário, tendo em vista os resultados das escavações arqueológicas.

Quando começamos a pesquisa arqueológica na área do Agreste pernambucano que corresponde "a grosso modo" à região de Arcoverde, observamos que todos os sítios rupestres da Tradição Agreste estavam situados em lugares de "brejos" ou de "várzea", não tendo sido utilizados os abrigos no alto das serras, no que se refere às pinturas rupestres. Isso nos leva a pensar que as pinturas foram realizadas perto ou inclusive nos mesmos lugares de habitação, como demonstram os sedimentos arqueológicos localizados em vários dos sítios com pinturas. Ao contrário das pinturas da Tradição Nordeste na região do Seridó (RN), que foram realizadas nos abrigos no alto das serras e longe dos lugares habitados. Portanto, as fontes alimentares dos caçadores do Agreste, devem ser procuradas nas áreas próximas às pinturas.

Debates à comunicação da Prof^a Alice Aguiar.

Prof^a Marília de Mello e Alvim:

Prof^a Alice, eu gostaria de saber qual a relação que existe entre os sítios que você estuda e o sítio da Furna do Estrago, no Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco, que tem datações de 11.000, 9.000 e depois uma datação de 2.000 anos.

Prof^a Alice Aguiar:

Coloquei as pinturas da Furna do Estrago dentro da Tradição Agreste. Essas pinturas não estão datadas; datados foram os enterramentos que recentemente têm sido classificados como dentro de uma tradição de agricultores-ceramistas em torno de 1.000 anos, ou seja, que a datação de 2.000 anos é exagerada. Não podemos relacionar de maneira alguma o painel da Furna do Estrago com a necrópole pelo fato de que estejam perto um do outro. Querem relacionar as pinturas com a datação de 11.000 ou 9.000 anos, que parece ser o desejo da Prof^a Janete Lima também não tem base científica, porque essas pinturas não foram datadas, como disse, nem podem ser incluídas na Tradição Nordeste que tem datações muito mais antigas, entre 17.000 e 9.000 A.P. Acho mais lógico calcular para as pinturas da Furna do Estrago um período entre 2.000 – 1.000 anos que são as datas obtidas para outros sítios da mesma tradição, na mesma região. Porém é somente uma suposição baseada na comparação.

* Pesquisa financiada pelo CNPq

O argumento da Prof^a Janete Lima para associar as pinturas à Tradição Nordeste é que elas têm movimento, mas eu nunca disse que a Tradição Agreste fosse estática e sim que em relação à Tradição Nordeste têm menos movimento. As pinturas da Tradição Nordeste apresentam uma vivacidade impressionante e elas realmente retratam a vida cotidiana do homem pré-histórico. Essa diferença, é que dá uma idéia de estatismo nas pinturas da Tradição Agreste.

BIBLIOGRAFIA

- AB' SÁBER, Aziz Nacib. Páleo-clima e páleo ecologia. **Anuário de Divulgação Científica**. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 1980.
- . O domínio morfoclimático semi-árido das caatingas brasileiras. **IBILCE** nº 06 São Paulo, 1980.
- AGUIAR, Alice; VICTOR, Plínio; TADEU, Paulo. Sítios arqueológicos cadastrados em Pernambuco. **CLIO** nº 04. **Revista do Curso de Mestrado em História**. UFPE. Recife, 1981.

- AGUIAR, Alice. Tradições e estilos na arte rupestre no Nordeste brasileiro. **CLIO** nº 05. **Revista do Curso de Mestrado em História**. UFPE, Recife, 1982.
- . Cariris Velhos-Parafba. In: **Herança: a expressão** sua do brasileiro antes da influência do europeu. São Paulo. Dow Química, 1984.
- ANDRADE, Gilberto Osório e LINS, Rachel Caldas. Introdução ao estudo dos brejos pernambucanos. **Arquivos do Instituto de Ciências da Terra** nº 02. out. Recife, 1964.
- ANDRADE LIMA, Dárdano de. Estudos fitogeográficos de Pernambuco. **Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas** nº 05. Recife, IPA, 1960.
- MARTIN, Gabriela. A Pedra da Figura em Taquaritinga do Norte (PE). **CLIO** nº 03. **Revista do Curso de Mestrado em História**. Recife, UFPE, 1980.
- MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; TADEU, Paulo; VICTOR, Plínio. Estudos de Arte rupestre em Pernambuco (II). A Pedra Furada em Venturosa. **CLIO** nº 04. **Revista do Curso de Mestrado em História**. Recife, UFPE, 1981.
- MARTIN, Gabriela; AGUIAR, Alice; ROCHA, Jacionira. O sítio arqueológico PERI-PERI em Pernambuco. **Revista de Arqueologia**. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, PA. 1983.